

A INFLUÊNCIA DAS CULTURAS AFRICANA E INDÍGENA NA MUSICALIDADE E CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO HEAVY METAL BRASILEIRO

THE INFLUENCE OF AFRICAN AND INDIGENOUS CULTURES ON THE MUSICALITY AND SOCIOCULTURAL CONSTRUCTION OF BRAZILIAN HEAVY METAL

LA INFLUENCIA DE LAS CULTURAS AFRICANA E INDÍGENA EN LA MUSICALIDAD Y LA CONSTRUCCIÓN SOCIOCULTURAL DEL HEAVY METAL BRASIL

Rodrigo Massao Kurita

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade de São Paulo e Doutorando em Sustentabilidade pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP. E-mail:rodrigo.massao.kurita@usp.br

André Felipe Simões

Prof. Dr. Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP (USP LESTE). Doutor e Pós-Doutor em Planejamento Energético. Engenheiro Metalúrgico com Mestrado em Metalurgia e Ciência dos Materiais. Na Graduação da USP atua como docente do curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da USP LESTE. É professor dos seguintes Programas de Pós-Graduação da USP: Energia, no IEE/USP; Sustentabilidade, na EACH/USP; e Mudança Social e Participação Política ProMuSPP – na EACH/USP. E-mail:afsimoes@usp.br

Diósnio Machado Neto

Prof. Dr. Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP (USP LESTE). É professor do Programa de Pós-Graduação em Musicologia do Departamento de Música da ECA/USP e do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política – ProMuSPP – na EACH/USP. Doutor e Pós-Doutor em Musicologia pela USP, Bacharel em Música, com habilitação Instrumento, pela Pontifícia Universidad Católica de Chile. E-mail:dmneto@usp.br

Fernando Tavares

Doutor em Musicologia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP, membro do LAMUS (Laboratório de Musicologia) e do LEDEP (Laboratório de Educação e Desenvolvimento Psicológico), ambos da EACH-USP Leste. É professor de contrabaixo elétrico e teoria musical, compositor, produtor audiovisual e radialista. E-mail: femtavares@usp.br

ABSTRACT:

Originating from the convergence of blues, Western classical music, and, above all, rock and roll, heavy metal emerged in the early 1970s as a musical and cultural movement characterized by social dissent and its distance from the values of the American and British elites. The incorporation of aesthetic and ideological elements from punk rock reinforced its countercultural character and consolidated an aesthetic associated with criticism of socioeconomic realities. In Brazil, heavy metal spread approximately a decade later, preserving its oppositional nature while becoming the target of criticism from the corporate media. Within this context, the present exploratory study, based on a systematic literature review, aims to characterize and analyze the incorporation and recovery of Brazilian cultural elements, particularly those of Indigenous and African origin, in the compositional practices of Brazilian heavy metal. In addition, the study examines related themes, including religion, folklore, literature, and historical events linked to the formation of Brazilian cultural identity. The findings demonstrate that these elements were effectively assimilated into Brazilian heavy metal, giving rise to a process of musical anthropophagy in response to influences from the United States and the United Kingdom. It is concluded that this appropriation contributed to the consolidation of an authentically Brazilian artistic expression, capable of reinterpreting foreign influences, affirming its own musical and cultural identity, and preserving its critical and oppositional stance toward the status quo and the hegemonic structures of Brazilian society.

KEYWORDS: Heavy Metal in Brazil; Counterculture; Indigenous and African cultures; musical hybridity.

RESUMO:

Originado da confluência entre o blues, a música clássica erudita e, sobretudo, o rock and roll, o heavy metal emerge no início da década de 1970 como uma manifestação músico-cultural marcada pela contestação social e pelo distanciamento dos valores das elites estadunidense e britânica. A incorporação de elementos estéticos e ideológicos do punk rock reforçou seu caráter contracultural e consolidou uma estética associada à crítica da realidade socioeconômica. No Brasil, o heavy metal difundiu-se cerca de uma década mais tarde, preservando seu viés contestador e tornando-se alvo de críticas por parte da mídia corporativa. Nesse contexto, o presente trabalho, de caráter exploratório e fundamentado em revisão bibliográfica sistemática, objetiva caracterizar e analisar a incorporação e o resgate de elementos culturais brasileiros, especialmente de matrizes indígenas e africanas, na composição do heavy metal nacional. Além disso, examinam-se temas correlatos, como religião, folclore, literatura e acontecimentos históricos vinculados à formação da identidade cultural brasileira. Os resultados evidenciam que tais elementos foram efetivamente assimilados pelo heavy metal brasileiro, configurando um processo de antropofagia musical diante das influências provenientes dos Estados Unidos e do Reino Unido. Conclui-se que essa apropriação favoreceu a consolidação de uma manifestação artística autenticamente brasileira, capaz de ressignificar influências estrangeiras, afirmar uma identidade músico-cultural própria e preservar seu caráter crítico e contestador diante do status quo e das estruturas hegemônicas da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Heavy Metal no Brasil; Contracultura; Culturas indígena e africana; hibridismo musical.

RESUMEN:

Originado de la convergencia entre el blues, la música clásica y, principalmente, el rock and roll, el heavy metal surgió a comienzos de la década de 1970 como una manifestación músico-cultural caracterizada por la crítica social y el rechazo de los valores de las élites estadounidenses y británicas. La incorporación de elementos estéticos e ideológicos del punk rock reforzó su carácter contracultural y consolidó una estética vinculada a la crítica de la realidad socioeconómica. En Brasil, el heavy metal se difundió aproximadamente una década después, manteniendo su carácter contestatario y convirtiéndose en objeto de críticas por parte de los medios de comunicación. En este contexto, el presente estudio, de carácter exploratorio y basado en una revisión bibliográfica sistemática, tiene como objetivo analizar la incorporación y la recuperación de elementos culturales brasileños, especialmente de matrices indígenas y africanas, en la composición del heavy metal nacional. Asimismo, se examinan temas relacionados con la religión, el folclore, la literatura y acontecimientos históricos vinculados a la formación de la identidad cultural brasileña. Los resultados muestran que estos elementos fueron efectivamente incorporados al heavy metal brasileño, configurando un proceso de antropofagia musical frente a las influencias de Estados Unidos y el Reino Unido. Se concluye que esta apropiación contribuyó a consolidar una manifestación artística auténticamente brasileña, capaz de resignificar influencias extranjeras, afirmar una identidad músico-cultural propia y preservar su carácter crítico y contestatario frente al statu quo y a las estructuras hegemónicas de la sociedad brasileña.

PALABRAS CLAVE: Heavy Metal en Brasil; Contracultura; Culturas indígenas y africanas; Hibridación musical.

INTRODUÇÃO

Desde seu nascimento na década de 1970, o heavy metal sempre foi considerado um movimento musical estigmatizado e tipicamente restrito as cidades operárias e distante das camadas sociais abastadas. Este estilo musical derivado do rock, tal como muitos outros movimentos musicais que aportavam no Brasil em meados da década de 1980. Se caracterizava, inicialmente, por composições pouco originais e sem possuírem uma criatividade intrínseca. A maioria dos grupos formados à época sofriam fortes influências das culturas musicais estadunidenses e europeias vigentes. Porém, a predominância da classe média alta no movimento heavy metal, começara a surgir nos anos 80, principalmente no Brasil, fator este, corroborado pela necessidade de capital para aquisição de CDs e LPs que eram importados e de acesso restrito (Bosi, 1992; Junior, 2005). Essa condição é evidenciada pelo fato de que a grande maioria dos discos de heavy metal produzidos no país à época, era limitado ao mercado interno e dificilmente ocorriam divulgações e vendas no mercado exterior. E tal fenômeno não era restrito apenas ao círculo nacional, as turnês de bandas internacionais também dependiam de diversas outras variáveis para ocorrerem em terra tupiniquim (Junior, 2005).

Diante do contexto descrito, em meados das décadas de 80 e 90, o sucesso de bandas como *Iron Maiden*, *Saxon* e *Judas Priest* favoreceram o surgimento de grupos brasileiros como Sepultura e Angra, os quais, conseguiram com esforço romperem o paradigma musical da época (a criatividade limitada e falta de originalidade). Assim, por conseguinte, estas duas bandas tornaram-se importantes precursoras, seja no sentido de produzir as primeiras composições inovadoras no contexto do heavy metal brasileiro,

como também em propiciar através das vendagens de seus álbuns o respaldo das estações de rádio e canais televisivos. Tudo isso ocorrera em meio a longas turnês internacionais, campanhas promocionais, e pouquíssimo respaldo financeiro. Tratava-se, portanto, não apenas de um movimento a favor da divulgação das raízes multiculturais brasileiras, mas também de um processo de miscigenação rítmica no seio de um caldeirão de diversidade cultural etnicamente constituído de brancos, negros e índios.

Sob a égide de tais considerações, o objetivo central desta pesquisa de caráter exploratório e baseado em revisão bibliográfica sistêmica com criticidade analítica é caracterizar e analisar, sinergicamente, a incorporação e o resgate de elementos culturais tipicamente brasileiros de origem indígena e africana no processo de composição do heavy metal nacional. Ademais, a inclusão das influências regionalistas neste processo é outra característica importante analisada nesta pesquisa; neste sentido, analisar-se-á temas transversais correlatos como: religião, folclore, literatura e, também, fatos históricos que remontam à multiplicidade cultural que estruturou e que estrutura a formação do povo brasileiro, parafraseando título de livro homônimo de autoria do antropólogo, sociólogo e historiador Darcy Ribeiro (1922-1997).

Nas seções posteriores, apresenta-se uma análise retrospectiva cronológica desde o surgimento do heavy metal no Brasil, e discorre-se também sobre a luta dos representantes deste movimento músico-cultural contra a típica desvalorização cultural brasileira, arraigada na população e nas instituições brasileiras. E como ocorrera a integração do Heavy Metal com os elementos culturais tipicamente nacionais. Por fim, à luz destas análises e no âmbito da contemporaneidade artística, apresentam-se as considerações finais e as conclusões centradas em debates com foco na hipótese-chave, qual seja: “quais elementos culturais tipicamente brasileiros de matriz indígena ou africana foram incorporados aos processos de composição do heavy metal nacional”. Tal afirmação deve-se a um fenômeno de antropofagia musical no contexto que será apresentado, a qual viabilizou a eclosão de um movimento cultural não mais estrangeiro, mas sim vanguardista e efetivamente brasileiro.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada a essa pesquisa possui caráter exploratório com revisão bibliográfica sistêmica, pautada em consultas de bases acadêmicas e científicas, as quais, de modo sinérgico correlacionam-se com o objetivo central da pesquisa, que neste caso, é caracterizar e analisar a incorporação e resgate de elementos culturais tipicamente brasileiros. Nesse caso, as influências de origem indígena e matriz africana na composição do heavy metal brasileiro. O período de levantamento bibliográfico foi efetuado entre os meses de janeiro de 2024 e março de 2024. Para uma filtragem mais assertiva da pesquisa, optou-se pelo uso das seguintes palavras chaves: heavy metal brasileiro, contracultura, hibridismo musical e musicalidade.

O SURGIMENTO DO HEAVY METAL NO CENÁRIO MUNDIAL

O termo heavy metal ou simplesmente metal é um subgênero musical derivado do Rock and Roll tradicional (Phillips, 2009). A origem do termo heavy metal ainda hoje é tema de discussões dentro e fora dos meios acadêmicos, e isto se relaciona com o fato de que não há evidências históricas de quem realmente cunhou a terminologia citada. De acordo com o autor Phillips (2009), o termo foi usado pela primeira vez pelo escritor beatnik William S. Burroughs, em seu livro *The Soft Machine* (1961) ao criar um personagem sob a alcunha de “the heavy metal kid” (Phillips, 2009). Outras fontes afirmam que foi o produtor musical e jornalista estadunidense Sandy Pearlman (1943-2016) que teria cunhado este termo ao resenhar uma determinada música da banda Byrds; outra linha aponta que foi o músico Lester Bangs (1948-1982), tido como a voz mais influente na crítica da música rock em fins da década de 1970, que criou o termo ao descrever e analisar uma música da banda MC5 (Phillips, 2009). Diante da efervescência musical da época e sem uma unanimidade acerca de quem introduziu primeiro o termo heavy metal, ao que tudo indica o uso deste nome designava um novo gênero musical mais pesado surgido em meados da década de 1970, e que tinha como expoentes bandas como Led Zeppelin e Black Sabbath (Phillips, 2009).

Para entender a origem deste novo gênero musical é importante conhecer primeiramente a gênese de sua criação; ou seja, as raízes originais dos estilos musicais que se consolidaram ao longo dos anos e que, sob certas convergências músico culturais, resultaram na formação do heavy metal. Neste âmbito, destacam-se duas vertentes musicais que contribuíram fortemente para a sonoridade singular do metal pesado. A primeira influência foi o blues, com toda sua musicalidade africana que se tornou a base tanto para o rock and roll quanto para o heavy metal (Phillips, 2009). Alguns artistas como Muddy Waters (1913-1983), Willie Dixon (1915-1982), Howlin 'Wolf (1910-1976) ou John Lee Hooker (1917-2001) contribuíram significativamente para a criação e perpetuação do gênero blues Clássico de Chicago, o qual pode ser compreendido como o estilo musical formador mais pretérito do heavy metal (Weinstein, 2000). Ademais, o Black Sabbath foi precursor na execução de riffs pesados com timbres altos e sombrios (Phillips, 2009). Além disso, o heavy metal também incorporou alguns elementos do rock psicodélico no seu início, principalmente o virtuosismo do exímio guitarrista Jimi Hendrix em suas performances e no seu estilo de tocar guitarra.

A segunda influência foi a música erudita. Bandas de rock como Yes, Rush e Emerson Lake and Palmer se tornaram únicas e inovadoras na mescla do rock experimental com diversas ideias advindas da música clássica para o rock criando, assim, o gênero musical chamado de rock progressivo. Obras clássicas de Mozart, Bach e Beethoven foram absorvidas com a intenção de fornecer identidade singular ao heavy metal (Phillips, 2009). A união destas duas vertentes musicais, o blues e a música clássica erudita, aliada à efervescência cultural pré-existente no período foram fatores determinantes na criação e disseminação do heavy metal. Cronologicamente, o heavy metal surgiu entre 1969-1972 e se consolidou nos cinco anos posteriores, chegando ao ápice do movimento em 1983 (Weinstein, 2000).

Depois da metade da década de 1980, houve uma eclosão de subgêneros com diversas ramificações do heavy metal, os quais criaram uma rede de enorme complexidade musical.

A CHEGADA DO HEAVY METAL NO BRASIL

Antes do heavy metal eclodir em solo brasileiro, alguns outros movimentos musicais fervilhavam pelo Brasil afora nos idos dos anos 70. Destacam-se como importantes, neste contexto, manifestações musicais e culturais amplas tais como o tropicalismo, liderado por grandes nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil (Moraes, 2005); a consolidação da Música Popular Brasileira, a MPB, com Chico Buarque, Milton Nascimento, Fafá de Belém, Belchior e tantos outros artistas icônicos; o funk, liderado, à época, por Tim Maia e Jorge Benjor; e o chamado rock psicodélico brasileiro, capitaneado pelos Mutantes e que tinham em sua formação músicos como Rita Lee, Arnaldo Batista e Sérgio Dias, considerados os primeiros a mesclar rock and roll com tradições étnico-culturais brasileiras (Moraes, 2005). Contudo, o surgimento do heavy metal em solo brasileiro ocorreu com a gravação do disco homônimo da banda Stress no ano de 1982. Tanto a gravação como sua produção foram feitas na cidade de Belém e ressalta-se que o álbum foi lançado de forma independente, mas não obteve o sucesso esperado (Silva, 2006). O salto inicial deu-se com a popularização e desenvolvimento da MTV, que no ano de 1985 resolveu aderir a onda do heavy metal para tentar atingir outras parcelas de sua audiência, em detrimento do “new pop britânico” (Reis, 2006). Em relação ao Brasil, essa mesma transformação iniciou-se em 20 de outubro de 1990 com a estreia do programa Fúria Metal que na época era apresentado pelo VJ Gastão Moreira (Tottene, 2018). Posteriormente, a criação da Revista Rock Brigade possibilitou a essa parcela significativa de fãs acompanhar suas bandas prediletas ao lerem o conteúdo informativo e jornalístico disponível em suas matérias de capa (Silva, 2006).

As primeiras lojas que começaram a oferecer produtos voltados exclusivamente para o rock e heavy metal na cidade de São Paulo eram a Barato Afins e a Woodstock, sendo esta última a mais especializada por vender também acessórios (buttons e patches). Tais lojas comercializavam também material importado, principalmente, reportagens sobre bandas estrangeiras (Batalha, 2016). Mas segundo Batalha (2016), a explosão do heavy metal no contexto nacional ocorreu logo após uma turnê realizada pela banda estadunidense Kiss, em junho de 1983, com ingressos praticamente esgotados nos estádios do Morumbi, em São Paulo, e do Maracanã, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, programas de rock como o “Fábrica do Som”, apresentado pela TV Cultura, ou “Rock Show”, veiculado na extinta TV Excelsior, ou o antológico “BB Vídeo Clip”, da TV Record, produzido pelo italiano Billy Bond e que era apresentado por Eládio Sandoval (que, aparentemente, narrava o programa de dentro de um caminhão), surgiram para atender a demanda crescente do público apreciador e consumidor do estilo. Alguns festivais também surgiram no período, principalmente, na cidade de São Paulo – os principais locais de apresentação eram o Sesc Pompéia e o Parque da Aclimação (Batalha, 2016).

Além da venda de discos de vinil, a loja Barato Afins destacou-se também por ser a primeira gravadora destinada à artistas independentes, lançando os primeiros registros de grupos como Golpe de Estado, Centúrias, Harppia e A Chave do Sol (Batalha, 2016). No estado de Minas Gerais, o destaque fica por conta da gravadora Cogumelo Records sediada em Belo Horizonte e que lançaria, posteriormente, discos do Sepultura, Overdose, Chakal, Holocausto, entre outros (Batalha, 2016).

De fato, a grande virada de mesa do heavy metal deu-se após a realização do grande festival Rock in Rio, realizado em amplos espaços na Zona Oeste, próximo à praia da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, durante 10 dias de janeiro de 1985; foi a partir deste primeiro Rock in Rio que, crescentemente, houve aumento considerável de público, no Brasil, ávido em consumir tudo que estivesse relacionado à música pesada mais acessível. Também importante, cabe mencionar, neste contexto, a cidade de Santos no litoral paulista e que também foi abrigo de importantes bandas e festivais. Entre tantos merecem ser citados: o Circo Marinho, que se tornou palco do evento “South America Death Festival”, e a casa noturna autointitulada “Heavy Metal” (Batalha, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A INFLUÊNCIA DOS RITMOS BRASILEIROS NAS OBRAS DE HEAVY METAL

A influência de ritmos brasileiros nas composições de bandas de heavy metal brasileiras não é um fenômeno recente. Desde o nascimento da Tropicália, e passando por artistas como Raul Seixas, Paralamas do Sucesso e Raimundos já podia-se notar algumas experimentações próprias com colagens musicais ou ritmos tupiniquins; mesmo que o resultado final não fosse consistente (Junior, 2005). A mistura com tendências mais pesadas do rock como o heavy metal passou a ocorrer mais recentemente em meados das décadas de 1990 a 2000, com as primeiras músicas sendo compostas em língua portuguesa e posteriormente a inclusão de elementos considerados brasileiros em suas composições. A união de tais elementos, reinterpretação ou mistura é denominado como hibridismo ou hibridação no campo da composição musical, ou seja, quando se há uma fusão completa de entre dois elementos, que possibilita a geração de um terceiro elemento novo (Piedade, 2011; Moore, 2012; Cancicli, 2011).

Segundo Medeiros & Silva (2016, p.127) este tipo de apropriação cultural não é um processo novo, e de acordo com os autores “remonta desde os encontros entre tradições europeias, indígenas e africanas já no período colonial”. Certamente, o intuito desta mesclagem que são mais perceptíveis nas bandas Sepultura e Angra, é permitir maior complexidade nas composições, experimentalismo e rompimento com as barreiras estilísticas do gênero (PRIMON, 2018). Contudo, a construção deste hibridismo brasileiro por parte de ambas as bandas foi um processo lento e demorado.

Muito disso, refere-se ao fato de o cenário heavy metal ainda ser por muitas vezes conservador em relação a mudanças bruscas no direcionamento musical (Junior, 2005). Essa afirmação torna-se ainda mais evidente quando Weintsein (2000) destaca que dentro do universo do heavy metal, a preservação

e o respeito aos padrões de composições do gênero são valores fundamentais, que seus fãs orgulhosamente debatem e defendem como modo de diferenciação em termos de estilos musicais. Outro fator importante nesta abordagem é a interculturalidade correlata ao compartilhamento das ideias e a troca positiva existente entre as culturas, pois tais diferenças são construções históricas de ensino ou aprendizagem (McLaren, 1997)

A INSERÇÃO DAS CULTURAS NACIONAIS DE MATRIZES AFRICANAS E INDÍGENAS NO HEAVY METAL BRASILEIRO

A concepção do multiculturalismo, como define Lopes (2012), é compreendida como a coexistência de formas culturais diferentes dentro das sociedades modernas. Andrade (2009) complementa esta análise ao afirmar que o conceito se define como a convivência de culturas múltiplas em um contexto territorial e histórico comuns. É neste caldo de diversidade cultural que duas bandas brasileiras – Angra e Sepultura – aportaram no cenário nacional com nítido interesse de criarem um som com caráter único e que somente poderia ser produzido no Brasil (Moraes, 2015). Esta homenagem implícita e, por vezes, explícita das bandas Angra e Sepultura à cultura brasileira, em certa medida, pode ser compreendida como um modo de oferecer brasilidade e regionalismo musical as suas produções. E, identidade com sentido cultural, de acordo com Cuche (2002), circunscreve-se à cultura no sentido de uma soma ampla de saberes que se acumulam e são transmitidos para as gerações futuras.

Destarte, Darcy Ribeiro (2002, p.6) exalta o caldeirão étnico do Brasil: “uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos”. Consequentemente, sob a égide desta linha de raciocínio destaca-se também o fenômeno da antropofagia como um mecanismo importante de validação para toda a cultura latino-americana, assimilando-se com as culturas estadunidense e europeia sem perder sua originalidade (Perrone-Moisés, 2007). São estas diversidades sociais, folclóricas, religiosas e regionais nascidas da aculturação antropofágica que amalgamaram a sonoridade do heavy metal brasileiro em grupos pioneiros como Sepultura e Angra, os quais se propunham a divulgar elementos brasileiros em seus registros musicais.

Em 1993, a banda Sepultura lança o disco *Chaos A.D.*, no qual aparecem as primeiras influências da música brasileira em sua sonoridade. A mescla de percussões tribais e sessões rítmicas de escolas de samba são percebidas em faixas como *Refuse/Resist* e *Territory*. Já na faixa *Kaiowas*, há o experimentalismo com a música indígena – sendo esta infusão musical, segundo o próprio Max Cavalera (2013, p.103), fundador e principal compositor do Sepultura, um tributo a tribo indígena Kaiowá “que preferiu cometer suicídio em massa em vez de permitir que o governo tomasse as suas terras”.

Três anos mais tarde, a banda Angra lança o disco *Holy Land* (1996) com uma sonoridade única e caracterizado por diversas influências da musicalidade brasileira. Mesmo não sendo um disco totalmente conceitual, a temática base de todas as canções remete ao período das grandes navegações

capitaneadas, entre os séculos XV e XVI, pelos povos habitantes da Península Ibérica. Neste contexto, por exemplo, a faixa inicial *Nothing to Say* de imediato apresenta a influência do baião na cadência de toda a música e nos seus compassos rítmicos. Em seguida, *Carolina IV* inicia com uma sessão rítmica requiebrada que remete ao samba com clara influência africana. Isso se evidencia tanto nas mudanças do andamento musical quanto nos coros que permeiam toda a música e enaltecem a figura religiosa e mística de Iemanjá. Na faixa *Holy Land*, há uma mescla entre a música erudita e as raízes da herança africana brasileira. O contexto desta canção é explicado por Madureira (2016), o qual afirma que essa composição mescla o triângulo, guitarras, bateria, berimbau e flauta tornando-a singular.

No mesmo ano de 1986, o Sepultura lança outro álbum com a mesma sonoridade delineada em seu disco anterior *Chaos A.D.* Assim, o novo lançamento desta banda criada em 1984 pelos irmãos Max e Igor Cavalera, em Belo Horizonte, Minas Gerais, foi o disco *Roots*, que apresenta inúmeras referências musicais tipicamente brasileiras; frisa-se que a ênfase rítmica deste álbum, são as batidas sincopadas e a percussão tribal. A faixa *Attitude* inicia com acordes hipnóticos feitos através de berimbau, os quais denotam as raízes da música africana no contexto lírico da banda. Outros destaques do disco são a participação do músico Carlinhos Brown nas faixas *Ratamahatta*, *Ambush* e *Endangered Species*, nas quais são perceptíveis a presença de cuícas, garrafas de água, tambores e similares. Já a faixa *Breed Apart* tem a participação do grupo Olodum com seus compassos de afoxé e batidas marcantes assemelhando-se a agremiações de samba. Logo a seguir há duas faixas instrumentais, *Jasco* e *Itsári*, que mostram claramente a influência da cultura indígena. Segundo Cavalera (2013, p.120), todo o conceito por detrás do disco *Roots* é permeado pelo enorme interesse em retomar as raízes tradicionais da musicalidade brasileira. Para tanto, de acordo com as próprias palavras de Max Cavalera (2013, p.118): “Desde a música “Kaiowas”, em *Chaos A.D.*, em 1993, eu vinha me perguntando se seria possível entrar na selva e conhecer os índios. Eles possuem uma história riquíssima e nenhuma banda de rock tinha tentado fazer algo parecido antes”. Sugere ainda Cavalera (2013, p.120): “Em minha opinião, se conseguíssemos gravar com eles, chegaríamos às raízes da música brasileira. Era uma música feita quinhentos anos antes do samba ou da bossa nova, e voltaríamos ao âmago e às origens da musicalidade do meu país”. Ou seja, ao que tudo indica a grande motivação do Sepultura ao gravar esse disco era obter o retorno às primeiras sonoridades brasileiras por meio do heavy metal. Neste contexto, é relevante frisar que parte das composições do disco *Roots* foi composta em conjunto tanto pelo Sepultura quanto por membros da etnia tribo indígena Xavante.

Após um período de muito sucesso, as bandas Sepultura e Angra finalmente obtiveram reconhecimento internacional com boas vendas dos discos citados anteriormente. Contudo, devido a muitas divergências internas, ambos os grupos tiveram algumas baixas internas. Se por um lado Max Cavalera fundou o Soulfly, que era a personificação de muitos elementos da música brasileira; André Matos, juntamente com outros integrantes remanescentes do Angra, fundaram o Shaman que possui características semelhantes ao Angra, mas com enfoque na cultura ameríndia andina. Mesmo diante das

perspectivas que poderiam parecer negativas, a reformulação ou criação destas novas bandas acabaram por influenciar muitas outras vindouras.

DISCUSSÃO

Após quase dois anos sem nenhuma gravação oficial, o Sepultura lança o disco *Against*, em 1998, mas sem o mesmo experimentalismo do anterior *Roots*. Algumas faixas como *Rumors*, *Floaters* in *Mud*, *Tribus* e *Common Bonds* ainda possuem certos resquícios da percussão africana em seus andamentos mais lentos e cadenciados. O lançamento seguinte *Nation*, de 2001, assim como seu antecessor mantém alguns elementos africanos em faixas como *Sepulnation* e *Saga*. Ao fim do ano de 2001 e com a recém saída do vocalista André Matos, o Angra retorna novamente com o lançamento do álbum “*Rebirth*”, o qual sugere o renascimento do grupo com nova formação. A entrada do vocalista Edu Falaschi e do baterista Aquiles Priester renovou o repertório criativo do grupo. A faixa de destaque do disco é “*Unholy Wars*”, que possui inúmeras pretéritas musicalidades brasileiras misturadas ao sincretismo erudito; dentre os vários ritmos desta composição destacam-se: o uso do berimbau, da flauta doce indígena e a sessão rítmica do maracatu pernambucano comandado pelo Mestre Dinho e o Grupo Woyekê. Paralelamente ao retorno do Angra ao cenário musical, diversos outros grupos surgiram em território brasileiro com intenções mais ou menos nítidas de exaltar e valorizar as ricas e diversificadas heranças culturais brasileiras.

Em 2002, o grupo *Glory Opera*, oriundo do estado do Amazonas, lança seu disco de estreia intitulado “*Rising Moangá*”, um disco altamente influenciado pela cultura amazônica tanto nas letras quanto nas melodias dos arranjos musicais. As faixas “*Half of Darkness*”, “*Forest of Remains*” e “*Iara*” possuem marcantes elementos da cultura indígena, seja no uso dos instrumentos peculiares da região quanto na cadência das composições. Em muitos aspectos, de fato, todo o trabalho pode ser considerado uma ode às raízes folclóricas amazônicas. O disco *Shambala*, lançado em 2007, pela banda carioca *Aquaria* também resgata alguns instrumentos usados na cultura indígena e africana, principalmente, nas faixas “*Expedition*” e “*Into the Forest*”. Diferentemente dos demais grupos, a ênfase do *Aquaria* está centrada nas letras temáticas do disco, que remontam diretamente ao período das grandes descobertas portuguesas.

Fundada em 2003, a banda *Arandu Arakuaa* tornou-se uma das bandas visionárias na divulgação e valorização das manifestações culturais indígenas após o Sepultura. A musicalidade do grupo é voltada para a preservação dos ritos, lendas e lutas dos povos originários. Todas as letras da banda são compostas nos idiomas tupis e xavantes. No seu relato, Zândhio (BBC, 2016) relata a particularidade na compreensão das letras por partes dos fãs: “Isso é muito engraçado, porque nossos fãs costumam mandar e-mail dizendo que não conseguem achar as letras e traduções. Nós temos um arquivo com todas elas e temos o maior prazer de enviar para todos eles”. Outros aspectos interessantes da *Arandu Arakuaa* são o uso das indumentárias indígenas, seja nas pinturas corporais como nos adereços utilizados em seus shows (BBC, 2016). Na parte musical destacam-se os tambores indígenas e os chocalhos. O primeiro

disco da banda foi lançado, em 2013, sob o título: “Kó Yby Oré”, que colheu críticas positivas e teve boa divulgação por parte da mídia nacional especializada; e ainda permitiu a participação do grupo no Fórum Mundial de Direitos Humanos em 2023.

Surgido em 2008 na cidade de Ji-Paraná, no estado de Roraima, surge o Corubo. Com sua musicalidade agressiva e letras cantadas em tupi-guarani/português, grande parte das suas composições abordam a causa indígena sob o ponto de vista anarquista. O primeiro trabalho do grupo foi lançado em 2008, sob o título de Ypykuera. Nos anos seguintes foram lançados também ãngy Mbya Kueíry Hachypáma, Opa Mba'e Achy Avei (2009) e Wuy Jugu (2010). No ano de 2010, a banda paulistana Ocultan lança o disco Atombe Unkuluntu que aborda temáticas centrais sobre o ocultismo e a cosmologia presente na concepção das divindades africanas do quimbanda brasileira. Algumas composições são bilíngues e mesclam letras cantadas no idioma inglês como em português.

Finalmente, em 2017, o veterano grupo Dorsal Atlântica lança seu último disco sob o título Canudos que, fundamentalmente, retrata toda a violência histórica ocorrida na Guerra de Canudos. Ao longo do disco a saga de Antônio Conselheiro é retratada faixa a faixa semelhantemente ao rock ópera existente no álbum Alea Jacta Est de 1994 – considerado, na época de seu lançamento, um disco subversivo (Sobreira, 2016). Diferentemente, Canudos é um disco que remete à luta das minorias por democracia, justiça social e direitos civis. Além de seu retrospecto histórico, neste trabalho nota-se, também, a influência literária sob os auspícios do grandiloquente livro Os Sertões, de Euclides da Cunha (1866-1909), nas composições das letras. Recentemente, o ex-vocalista das bandas Angra, Almah e Symbols, Edu Falaschi, lançou em formato físico e digital seu trabalho mais recente intitulado Vera Cruz no ano de 2021. Lançado como forma de comemorar seus 30 anos de carreira, o disco é um álbum conceitual que trata das relações entre Brasil e Portugal na época das grandes navegações. Faixas como “Land Ahoy” e “Mirror of Delusion” possuem muitos elementos da música brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e a análise dos discos analisados permitem concluir que a diversidade musical brasileira é marcada não somente pela riqueza cultural intrínseca à miscigenação do povo brasileiro, mas também pela fusão de elementos tipicamente brasileiros a estilos musicais herdados de culturas musicais estrangeiras, particularmente é este o caso de bandas de heavy metal dos Estados Unidos e do Reino Unido. Destarte, a autenticidade do heavy metal brasileiro consiste, principalmente, da mescla entre multiculturalismo e o antropofagismo como manifestações socioculturais que auxiliaram, de modo transversal, na criação de um gênero musical singular e, concomitantemente, socialmente contestador.

Observou-se, nitidamente, a importância do sucesso visionário de bandas como Sepultura e Angra no mercado exterior no contexto de divulgação, para “bons entendedores”, valorização da cultura tipicamente brasileira por intermédio de seus discos, turnês e entrevistas. Este fenômeno de êxito nacional e internacional do Sepultura e do Angra, viabilizou que grupos formados nos anos subsequentes

obtivessem reconhecimento musical mais ampliado e, de certa forma, generoso pelas perspectivas das críticas especializadas e do público. Atualmente, a música pesada brasileira já possui uma identidade única e bem aceita nos mercados japoneses em alguns países europeus como a Alemanha, Itália e Inglaterra. Neste sentido, algo relevante a se frisar a partir da realização do presente estudo é que esta imagem positiva foi erigida sem desvinculações diante das várias contribuições culturais das matrizes musicais africanas e indígenas. Destarte, bandas nacionais de heavy metal como Ocultan, Corubo, e Edu Falaschi em suas composições carregam e valorizam pretéritas contribuições culturais destas matrizes tão representativas da formação do povo brasileiro, como diria o iminente antropólogo Darcy Ribeiro.

Neste contexto, a realização do presente trabalho permitiu concluir que elementos culturais tipicamente brasileiros foram, efetivamente, incorporados aos processos de composição do heavy metal nacional, de modo que houve algo como uma antropofagia musical diante das influências originais a partir dos Estados Unidos e do Reino Unido. Outrossim, conclusivamente, foi possível depreender que isto viabilizou a eclosão de um movimento cultural não mais estrangeiro, mas sim vanguardista, brasileiro e naturalmente contestador do *modus vivendi* inerente ao status quo propalado pela elite burguesa nacional.

Agradecimentos

Os pós-graduandos Rodrigo Massao Kurita e Fernandes Tavares agradecem pelo apoio financeiro recebido da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a qual é vinculada ao Ministério da Educação, o MEC), enquanto que os professores André Felipe Simões e Diósnio Machado Neto agradecem ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o qual é vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, o MCTI) pelo apoio financeiro concedido por meio de Bolsa de Produtividade

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. **Relações raciais, multiculturalismo e ações afirmativas: as cotas na Universidade de Pernambuco** – UPE. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BATALHA, R. **A história do heavy metal no Brasil**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://heavymetalnacional.wordpress.com/a-historia-do-heavy-metal-nobrasil>. Acesso em: 1 jan. 2020.

BBC – BRITISH BROADCASTING CORPORATION. **A banda que toca heavy metal em tupi-guarani**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37593361>. Acesso em: 1 dez. 2020.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CAVALERA, M. **My Bloody Roots: toda a verdade sobre a maior lenda do heavy metal brasileiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

CUCHE, D. **O conceito de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

JUNIOR, N. S. J. Maracatu metálico: influência de ritmos brasileiros na obra das bandas Angra e Sepultura. In: **Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais**, n.5, 2005, Vitória: UFES, 2005. p. 13-18.

LOPES, A. N. D. A. Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. In: **Revista Internacional da Mobilidade Humana**, v. 20, n. 38, p. 67–81, 2012.

MADUREIRA, J. V. C. **O conceito de terra sagrada no discurso do disco Holy Land da banda Angra**. Dissertação de Mestrado, Curso de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MEDEIROS, D. R.; SILVA, D. K. Piquete do Caveira: análise musical e hibridismo na música popular do Rio Grande. In: **Revista Música em Perspectiva**, v. 9, n. 1, p. 23-32, jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5380/mp.v9i1.46009>

MOORE, A. F. **Song Means: Analysing and Interpreting Recorded Popular Song**. Surrey: Ashgate Publishing, 2012.

MORAES, W. C. **Cultura negra e indígena no heavy metal nacional**. Lorena, SP: "INSTITUIÇÃO/EDITORIA", 2015. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/3196452/culturas-negra-e-indigena-no-heavy-metal-nacional>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIEDADE, A. C. T. Perseguindo fios da meada: pensamentos sobre hibridismo, musicalidade e tópicos. In: **Revista Per Music**, Belo Horizonte, n. 23, p. 103–112, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-75992011000100012>.

PHILLIPS, W. **Encyclopedia of Heavy Metal Music**. London: Greenwood Press, 2009.

PRIMON, A. **Ciclos e arcos rítmicos como estrutura no processo composicional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

REIS, J. A. N. **Isto não é TV: é MTV: linguagem da MTV brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, J. L. **O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVESTRE, B. **Headbanger de direita: o resultado de quem ouve música sem se aprofundar em seu conceito**. Whiplash, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/opinioes/250642.html>>. Acesso em: 3 mar. 2021.

SOBREIRA, V. **Dorsal Atlântica: a sorte está lançada**. Whiplash, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/cds/237585-dorsalatlantica.html>>. Acesso em: 25 maio 2022.

TOTTENE, M. **Fúria Metal: o tempo em que o heavy metal habitava a televisão brasileira**. Fúria Metal, 14 fev. 2018. Disponível em: <<https://marcostottene.wordpress.com/2018/02/14/furia-metal-o-tempo-em-que-o-heavy-metal-habitava-a-televisao-brasileira/>>. Acesso em: 21 maio 2022.

WEINSTEIN, D. **Heavy metal: the music and its culture**. New York: Da Capo Press, 2000.